

GENTE COMO A GENTE: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO DA FORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO [A GENTE]

Bruna das Graças SOARES¹

Maria Maura CEZARIO²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3445>

Resumo: O objetivo do trabalho é explicar a formação histórica da construção pronominal [a gente] com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). A hipótese é a de que há uma construção abstrata [(X) N_{COLET SG} (Y)], que licencia subesquemas, como [(X) gente (Y)], [(X) povo (Y)] e [(X) mundo (Y)], que podem recrutar “a gente” (artigo + substantivo), como “toda gente”, “muita gente”; “o povo”, “todo o povo”; “o mundo” e “todo mundo”. Para isso, utiliza-se o modelo de mudança linguística denominado Construcionalização/ Mudanças Construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015). Estabelece-se uma análise quali-quantitativa dos dados coletados em cartas escritas do século XVI ao XX, a partir de fatores sintático e semântico-pragmático, como esquematicidade e informatividade, respectivamente. Verificou-se que, dentre os itens que poderiam preencher o slot N_{COLET SG} da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)], os escreventes preferiram, por razões sintáticas e semântico-pragmáticas, usar a forma *gente*. Assim, podemos dizer que os pressupostos teóricos e metodológicos da LFCU explicam com propriedade a formação da construção pronominal a partir de um esquema que incluía nomes no coletivo.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Construcionalização. Esquematicidade. Informatividade.

1 Colégio Militar do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; brunasoaresufrj@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-9226-5852>

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; mmcezario@letras.ufrj.br; <https://orcid.org/0000-0002-1724-762X>

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

GENTE COMO A GENTE: A USAGE-BASED ANALYSIS OF THE FORMATION OF THE CONSTRUCTION [A GENTE]

Abstract: This work aims to explain the historical formation of the pronominal construction [a gente] based on the Used-Based Linguistics. The hypothesis is that there is an abstract construction [(X) N_{COLET SG} (Y)], which licenses subschemes, such as [(X) gente (Y)], [(X) povo (Y)] and [(X) mundo (Y)], which can recruit “a gente” (article + noun), such as “toda gente”, “muita gente”; “o povo”, “todo o povo”; “o mundo” e “todo mundo”. It uses a linguistic change model called Constructionalization/Constructional Changes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015). We have used a qualitative-quantitative analysis of the data collected in written letters from the 16th to the 20th century, based on syntactic and semantic-pragmatic factors, such as schematicity and informativeness. We verified that, among the items that could fill the N_{COLET SG} slot of the construction [(X) N_{COLET SG} (Y)], the writers preferred, for syntactic and semantic-pragmatic reasons, to use *gente*. Thus, we can say that the theoretical and methodological assumptions of the Used-Based Linguistics properly explain the formation of the pronominal construction from a scheme that included collective nouns.

Keywords: Used-Based Linguistics. Constructionalization. Schematicity. Informativeness.

Introdução

O objetivo principal deste artigo é explicar a formação da construção [a gente], sob a perspectiva do estudo da mudança construcional e da construcionalização (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A hipótese é a de que há uma construção abstrata [(X)N_{COLETSG}(Y)], que licencia subsquemas, como [(X)gente(Y)], [(X)povo(Y)] e [(X)mundo(Y)], que podem recrutar tanto “a gente” (artigo + substantivo), como “toda gente”, “muita gente”; “o povo”, “todo o povo”; “o mundo” e “todo mundo”. Na construção, N é um nome coletivo no singular, X pode ser um artigo, um pronome possessivo ou demonstrativo etc., e Y pode ser um adjetivo ou um adjunto adnominal (cf. SOARES, 2018).

Vale destacar que este trabalho é sobre [a gente] – doravante chamada microconstrução [a gente] – e que, embora o esquema [(X) N_{COLET SG} (Y)] tivesse licenciado vários usos, como aqueles supracitados, apenas um deles se desgarrou e passou para outro nó, o dos pronomes pessoais. A esse tipo de mudança chamamos de construcionalização³ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

³ Cf. nossa próxima seção.

A pesquisa tem como objetivos: (i) investigar, a partir do século XVI, a origem da microconstrução [a gente], observando que mudanças construcionais ocorreram para formar novo nó e como se deu a mudança de “a gente” nominal para outro nó na rede, o dos pronomes; (ii) verificar o grau de esquematicidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) da construção [(X) N_{COLETSG} (Y)], visto que apresenta partes que podem ser preenchidas (os *slots*) pelos falantes, a fim de saber o porquê de “a gente” (artigo + substantivo) e não outras formas com [(X) gente (Y)], como “muita gente”, “aquela gente” etc., ou com semântica semelhante, como “o povo”, “todo mundo” etc., se tornaram uma nova construção; e (iii) analisar os usos semântico-discursivos das construções [a gente], [o povo] e [o mundo] com relação à estrutura informacional em que estão inseridas, atentando para o *status* informacional (novo, velho e inferível), conforme a classificação de Chafe (1976) e Prince (1981).

Para cada objetivo, relacionam-se as seguintes hipóteses:

(a) deve haver uma construção abstrata [(X) N_{COLETSG} (Y)], que licencia os subesquemas [(X) gente (Y)], [(X) povo (Y)], [(X) mundo (Y)], dentre outros. Tais subesquemas licenciam usos como “a gente”, “muita gente”, “o povo”, “todo o mundo” etc. Para Goldberg (1995, 2006), os falantes não têm apenas conhecimento do item específico de determinadas expressões, mas há também conhecimento esquemático e genérico. Ademais, deve haver um esquema linguístico mais abstrato, percebido inconscientemente pelos falantes, que licencia muitas microconstruções por estarem intimamente relacionadas numa rede construcional. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização pode envolver uma sucessão de micropassos, que precedem a criação de um novo nó. Dessa forma, mudanças construcionais graduais podem ter ocasionado o surgimento do pronome [a gente], levando-o a ocupar outro nó na rede.

(b) Possivelmente, o padrão [(X) gente (Y)] permitia a presença de modificadores do núcleo do sintagma nominal apenas quando a estrutura era ainda composicional, isto é, com sentido de coletivo de pessoas (“a gente da terra”; “a gente mui fraca”; “a gente nobre”). A partir do momento em que começou a haver vestígios de uma construcionalização, a construção passou a não aceitar o modificador do núcleo nominal. Assim, os adjetivos, pronomes possessivos e sintagmas preposicionais modificam o núcleo do sintagma nominal quando [(X) gente (Y)] é ainda composicional, mas, ao se construcionalizar, passa a não aceitar elementos na posição de modificador de núcleo nominal. Isso reflete um dos micropassos da mudança que levou à construcionalização [a gente] pronominal.

(c) O SN “A gente” teria uma frequência maior como referente velho ou inferível do que as outras formas (“o povo” e “o mundo”). Sabe-se que os pronomes, especialmente

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

os pessoais, são palavras que fazem “referência no uso, ora retomando determinadas passagens do mesmo texto, ora apontando para elementos ou traços específicos da situação de fala” (cf. MOURA NEVES, 2011). Assim, os pronomes podem possuir caráter anafórico ou dêitico. Nossa pesquisa demonstra que [a gente] pronominal pode ter se desenvolvido a partir de *links* com os traços anafóricos e dêíticos dos pronomes.

A comparação com outros SN coletivos deveu-se a uma necessidade de se estudar a língua como rede de construções, bem como de verificarmos o que havia em comum e o que era diferente no momento em que “a gente” ainda não era pronome.

Este artigo apresenta as seguintes seções, além da Introdução: uma seção em que apresentamos os pressupostos teóricos utilizados para darmos conta do surgimento da forma pronominal [a gente] a partir de uma visão construcional; outra que explica os procedimentos metodológicos da pesquisa, juntamente com a análise da formação de [a gente]; e, por fim, as considerações finais desse trabalho.

A Linguística Funcional Centrada no Uso

Esse trabalho é norteado pela abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso por conceber o sistema linguístico do falante como sendo baseado especialmente no uso e por se aproximar de pesquisas vinculadas às ciências cognitivas. Entendemos, com isso, que a língua é formada e modificada pela experiência e, portanto, pela frequência de ocorrências (cf. BARLOW; KEMMER, 2000). A abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso integra conhecimentos da Linguística Funcionalista Norte-Americana (cf. GIVÓN, 1995; HOPPER, 1979; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; HEINE, 2003) e conhecimentos da Linguística Cognitiva, sobretudo do modelo da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006).

Segundo Bybee (2010), a repetição é muito relevante na formação de elementos gramaticais, pois a frequência faz com que as palavras e os morfemas sejam colocados lado a lado no contexto, usados repetidamente no discurso e processados automaticamente como um único referente. A forma “a gente”, por exemplo, é oriunda da frequência de uso do artigo “a” juntamente com o substantivo “gente” em determinados contextos comunicativos. Desse modo, após serem usados recorrentemente, o artigo “a” + o nome “gente” passaram a ser acessados pelo falante como um todo, ou seja, como uma única unidade cognitiva. A essa habilidade cognitiva geral a autora denominou *chunking*.

A gramática de uma língua é formada por construções linguísticas, concebidas como pareamentos de forma e função conectadas em rede (cf. GOLDBERG, 1995, 2006;

CROFT, 2001; DIESSEL, 2019; HILPERT, 2021). Traugott e Trousdale (2013) postulam que há dois tipos de mudanças: as mudanças construcionais, que afetam ou o plano da forma ou o plano do conteúdo; e construcionalização, que ocorre quando há mudança nos dois planos, levando à formação de uma nova construção.

Com relação ao nosso fenômeno, antes da construcionalização, os elementos *a* e *gente* designavam duas diferentes categorias com papéis distintos: um artigo e um substantivo. Com a frequência de ocorrência dessa estrutura na língua, criou-se um padrão de uso (*type*) que é reforçado cada vez que essa forma é utilizada (*token*). Sendo assim, ao ouvir esses elementos juntos, o ouvinte não mais os acessa como dois elementos diferentes, mas como um *chunk*.

Neste trabalho, entendemos que a gradiência é responsável pela mudança que levou ao surgimento do pronome [a gente]. Antes da construcionalização, o elemento “*a*” concorria com os pronomes “aquela” (aquela gente), “toda” (toda gente), “minha” (minha gente), porém, após passar pelo processo de mudança, o uso com *a* se fixou, levando à perda do seu valor de artigo.

Na construcionalização, qualquer tipo de mudança linguística pode ser estudado, mas o foco recai na formação de construções da língua. Diferentemente da gramaticalização clássica, esse modelo abarca aspectos que não eram considerados anteriormente, como a formação de construções esquemáticas, a concepção de gramática como sendo uma rede com nós conectados de modo hierárquico⁴ e aquelas mudanças que ocorriam com a construção, mas que não levavam a uma mudança categorial mais gramatical (mudanças somente na semântica ou somente na fonética, por exemplo).

Trabalhos que utilizaram o modelo da gramaticalização, como os de Lopes (1999, 2003, 2004), foram fundamentais para a realização da pesquisa que aqui se apresenta, servindo de base para o estabelecimento de fatores de análise para compreensão do que mudou na forma e no conteúdo para se chegar à forma pronominal. Entretanto, a presente pesquisa traz contribuições novas, pois demonstra como ocorreu a formação da construção a partir de uma construção mais abstrata e como ocorreu a mudança de nó e afastamento com outros usos da construção mais abstrata. Para isso, foi feita uma análise da esquematicidade e da informatividade dos usos.

4 A rede linguística é formada por construções mais abstratas que foram formadas a partir de usos concretos. Cada elemento da rede é um nó que se liga a outros nós. Assim todos os elementos da gramática estão conectados. As conexões ou *links* podem ser formais ou funcionais.

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Vale ressaltar que o modelo de construcionalização e mudança construcional, apresentado por Traugott e Trousdale (2013) e adotado aqui, traz em si pressupostos fundamentais da Gramática de Construções com aplicação no estudo histórico e o funcionalismo norte-americano, sobretudo nos resultados de trabalhos sobre gramaticalização.

Procedimentos metodológicos e análise da formação de [a gente]

Objetivamos realizar um estudo da construção abstrata dos coletivos de pessoas [(X) N_{COLET SG} (Y)], que pode licenciar “aquela gente”, “toda a gente”, “o povo”, “todo o povo”, “o mundo”, “todo mundo”, dentre outras. Foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa dessas construções em amostras de língua escrita do século XVI ao XX, cujo gênero discursivo é composto por cartas jesuíticas, oficiais, pessoais e também sermões. Os textos analisados e número de dados encontrados estão na tabela (1):

Tabela 1. *Corpus* e dados coletados

Séculos	Textos	[(X) gente (Y)] N. de dados	[(X) povo (Y)] N. de dados	[(X) mundo (Y)] N. de dados	Total
XVI	<i>Cartas do Padre José de Anchieta e cartas do Padre Manuel da Nóbrega.</i>	259 80%	50 15,5	14 4,4	323 100%
XVII	<i>Cartas e sermões do Padre António Vieira</i>	94 62,3	37 24,5%	20 13,3	151 100%
XVIII	Documentos, cartas oficiais da Administração Pública do RJ, SP e BA, cartas oficiais da Administração Privada do RJ, cartas pessoais, dentre outras do PHPB/UFRJ	52 50,5%	43 41,8%	8 8%	103 100%
XIX	Cartas pessoais de António Feijó dirigidas a seu irmão e cartas de Castilho e Camilo	75 39,2	102 53,5	14 7,4	191 100%
XX	Cartas particulares do estado do RJ, cartas de amor da Bahia e cartas de família dos acervos Jaime-Maria e Land Avellar do PHPB/UFRJ	24 86%	2 7,1	2 7,1%	28 100%

Fonte: Elaboração própria

Cabe-nos esclarecer que, neste trabalho, o recorte temporal se deu a partir do século XVI, pois foi neste século que a palavra “homem” deixou de ser usada como pronome indefinido e, segundo Lopes (1999, 2003), houve indícios do início da pronominalização do substantivo “gente”.

Além do fator diacronia, também foram analisados os seguintes parâmetros: esquematicidade: análise do *slot*X; esquematicidade: análise do *slot*Y; papel informacional das construções: referentes novos, velhos e inferíveis. Com esses fatores, espera-se dar conta das perguntas: (a) Como “a gente” passa a pronome e se desgarra da construção da qual nasceu? (b) Por que outras formas não seguiram o mesmo caminho? (c) Quais foram os passos da construcionalização de [a gente]?

Análise dos dados

Esquematicidade: análise do *slot* (X) na construção [(X) N_{COLET SG} (Y)]

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 13), a esquematicidade constitui uma propriedade de categorização que envolve crucialmente a abstração, ou seja, há esquemas abstratos entre conjuntos de construções que são inconscientemente percebidos pelos falantes, mas que estão intimamente relacionados numa rede construcional. Portanto, uma construção pode ser altamente esquemática, tendo *slots* totalmente abstratos, ser parcialmente esquemática ou ser uma construção substantiva.

Sendo assim, um dos objetivos deste estudo é verificar o grau de esquematicidade da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)], com base em Traugott e Trousdale (2013), segundo os quais as construções apresentam partes (*slots*) que podem ou não ser preenchidas pelos falantes. Tal fator é essencial para este trabalho, pois explicaria o porquê de “a gente” (artigo + substantivo) ter sido adotada em detrimento de outras formas [(X) gente (Y)], como “muita gente”, “toda gente” etc., dentre outras com semântica semelhante: “o povo”, “o mundo” etc.

É possível observar o exemplo do uso de “a gente” nominal no século XVI:

- (1) “Na cidade da Guarda achou uma mulher, na qual um demônio incubo tinha grande senhorio e por meio do Padre foi livre. Esta triste era mulher simples; veio-lhe um dia ao pensamento buscar algum escholar, que **a gente** ignorante d’aquella terra cuidava, andava pelas nuvens nas trovoadas, pés de vento e chuviros.” (*Cartas do Brasil*, p. 27, século XVI).

No exemplo supracitado, “a gente” nominal (artigo + substantivo) tem o sentido de coletivo de pessoas, pois diz respeito às “pessoas ignorantes d’aquella terra”.

A tabela (2) abaixo refere-se ao grau de esquematicidade de [(X) gente (Y)], [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)] no século XVI. Vale ressaltar que, neste caso, observamos apenas o *slot* (X) dos subesquemas. Vejamos a seguir:

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Tabela 2. Análise do *slot* X da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)] - Século XVI.

X	GENTE		MUNDO		POVO		TOTAL	
a / o	99	38,2%	3	21,5%	24	48%	126	
as / os	1	0,4%	-	-	1	2%	2	
a mais / o mais	2	0,8%	-	-	-	-	2	
a outra / o outro	4	1,5%	-	-	-	-	4	
algum (s) / alguma(s)	6	2,3%	-	-	1	2%	7	
algum outro / alguma outra	1	0,4%	-	-	-	-	1	
aquela / aquele	6	2,3%	-	-	2	4%	8	
essa / esse	1	0,4%	-	-	-	-	1	
esta(s)/este(s)	16	6,1%	-	-	4	8%	20	
esta / este + adjetivo	2	0,8%	-	-	-	-	2	
muita / muito	32	12,3%	-	-	-	-	32	
outra muita	2	0,8%	-	-	-	-	2	
outra mais	1	0,4%	-	-	-	-	1	
pouca	1	0,4%	-	-	-	-	1	
quase toda a	6	2,3%	-	-	-	-	6	
seu / sua	8	3,1%	-	-	3	6%	11	
tanta / tanto	3	1,2%	-	-	-	-	3	
tanta a / tanto o	2	0,8%	-	-	-	-	2	
toda a / todo o	13	5%	10	71,4%	8	16%	31	
todo	-	-	1	7,1%	-	-	1	
todas as	1	0,4%	-	-	-	-	1	
toda a sua	2	0,8%	-	-	-	-	2	
toda sua	3	1,2%	-	-	-	-	3	
toda a mais / todo o mais	4	1,5%	-	-	1	2%	5	
toda esta / todo este	1	0,4%	-	-	1	2%	2	
todos estes	-	-	-	-	1	2%	1	
toda aquela / todo aquele	2	0,8%	-	-	-	-	2	
uma/ um + adjetivo	1	0,4%	-	-	1	2%	2	
∅	39	15%	-	-	3	6%	42	
TOTAL	259	100%	14	100%	50	100%	323	100%

Fonte: Soares (2018)

A tabela 2 mostra-nos que, de um total de 259 dados de [(X) gente (Y)] observados no século XVI, por exemplo, “a gente”, “esta gente”, “muita gente”, “alguma gente” etc., dos quais nenhum é construcionalizado, a forma “a gente” soma 38,2% do total. Quanto ao padrão [(X) povo (Y)], como “o povo”, “todo o povo”, “este povo” etc., a forma “o povo” contabiliza 48% de um total de 50 dados. Já com relação à [(X) mundo (Y)], foram encontrados apenas 14 dados no total, sendo 10 (71,4%) “todo o mundo”, 3 (21,5%) “o mundo” e 1 (7,1%) “todo mundo”.

A partir dos dados coletados, é possível verificar, ainda, qual dos três substantivos observados foi mais frequente para designar coletivo de pessoas em função do (X) adotado no uso. Dos determinantes mais empregados (a/o, Ø, muita/muito, esta(s)/este(s), toda a/todo o, toda/todo, sua/seu), em 6 deles “gente” é adotado de forma majoritária. Cabe destaque para o uso de “a gente”, que, das construções na forma [(a/o) N_{COLET SG} (Y)]_{COLET} representa 80,2 (259 dados) de um total observado de 323 dados.

Nos dados dos séculos XVI e XVII, encontramos “a gente” apenas com o sentido de coletivo de pessoas, no exemplo (2):

- (2) “Mandou logo o senhor Governador Diogo de Mendonça Furtado dar rebate; ajuntou-se **a gente**, que foram pouco mais ou menos três mil homens [...]”.
(*Cartas do Pe. Antonio Vieira*, p. 13, século XVII).

Nota-se que a forma “a gente” no exemplo acima se refere aos “pouco mais ou menos três mil homens”, isto é, ainda tem o sentido coletivo de pessoas.

No século XVII, de um total de 94 dados de [(X) gente (Y)], 26,7% são “a gente”, 21,4% “Ø gente” e 17,2% “esta(s) gente(s)”. Com relação aos dados de [(X) povo (Y)], encontramos 37 dados, sendo 51,5% “o povo”, 13,4% “os povos” etc. Já em relação aos dados [(X) mundo (Y)], dos 20 coletados, 60% são “o mundo” e 30% “todo o mundo”.⁵ No século XVII, assim como no século XVI, a forma “a gente” ainda não tinha sido construcionalizada e já era a combinação mais frequente dentre as demais. Outrossim, ainda é possível notar a predominância do substantivo “gente” dentre todas as possibilidades de uso listadas.

No século XVIII, por sua vez, pudemos verificar que, de um total de 52 dados com a construção [(X) gente (Y)], 34,7% são “a gente” e 28,9% “Ø gente”.

⁵ Optamos por não apresentar aqui as tabelas referentes a cada século para não ocupar muito espaço, mas em cada século analisamos todos os tipos de elementos que poderiam aparecer no *slot* X, como feito no século XVI e apresentado na tabela (2). Apresentamos todos os resultados relevantes no texto deste artigo.

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Cabe, aqui, destacar o fato de as possibilidades de uso testemunhadas para o substantivo “gente” como coletivo de pessoas no referido século em função do determinante (X) terem diminuído consideravelmente. As possibilidades de uso, que eram 27 no século XVI, foram reduzindo até chegarem a apenas 11 no século em questão – o que, por si, já sugeriria o início do processo de construcionalização da forma “a gente” – fenômeno que segue através do tempo até culminar em um repertório de somente quatro diferentes possibilidades de uso de “gente” no século XX (quando a forma “a gente” já é efetivamente construção gramatical).

Com relação à [(X) povo (Y)], obtivemos 43 dados, sendo 53,5% “o povo” e 16,4% “os povos”. Entretanto, houve uma redução no número de dados com [(X) mundo (Y)], visto que encontramos apenas 8 dados em todo o *corpus* do século XVIII. Cabe destacar que foram encontrados 5 dados (62,5%) de “o mundo”, sendo os demais assim distribuídos: 12,5% “advérbio” + “mundo”; 12,5% “quase todo o + mundo”; e, por último, 12,5% “todo o + mundo”. Temos que levar em consideração que o tamanho da amostra no século XVIII é bem menor que nos demais.

Já é possível perceber a ascensão da escolha de uso de [(X) povo (Y)], ao passo em que se reduz a recorrência de [(X) gente (Y)], bem como aquilo que poderia ser uma cristalização nas escolhas de uso, ou uma polarização das estruturas, como observado na construção [(as/os) N_{COLET SG} (Y)] que figura somente como “os povos”, mas não como “as gentes” ou “os mundos”, ou no caso da construção [(muita/muito) N_{COLET SG} (Y)] que é realizada somente como “muita gente”, mas nunca como “muito mundo” ou “muito povo”. Estaríamos, aqui, portanto, testemunhando o momento em que as estruturas linguísticas referentes à construção abstrata [(X) N_{COLET SG} (Y)] e todas as suas realizações no uso passaram a obedecer a uma ordem, ainda que intuitiva e inconsciente.

Na amostra do século XVIII, fossem elas oficiais, pessoais ou do comércio, havia dados que apontavam para o surgimento de uma construção “a gente” pronominal, tendo em vista que, de um total de 18 dados, 6 contextos poderiam ser aqueles denominados “críticos” ou “atípicos” (TRAUGOTT, 2015), que dariam início à formação da construção pronominal. Observemos o exemplo (3):

- (3) “[...] E ela me dise falava as mais das noites Com o Moxila de Lourenço Caetano da ginela da camara E ele lhe deu os dois pentes de tataruga q. ela me Emprestando qdo. vim E por Vm. não saber os deu ela a seu Irmão as Escondidas pa. q. lhos dese a ela diente de VM. dizendo q. Ele lhos dava E lhe deu hum lenço de canbraia E lhe deu hum Coarto de ouro q. Ela gastou na nazare qdo. la foi E lhe dava tudo pela ginela E ela he q. me dezencaaminhava pa. q. Eu não

fose a Vm. homilde porq. dezia q. qdo. **a gente** se mostrava a Vm. homilde antão Estava Vm. pior [...]”. (*Carta de denúncia*, doc 2050, ano 1730).

No exemplo, a autora relata à sua avó os pormenores do envolvimento amoroso de uma de suas empregadas com um padre. A ama recebia presentes às escondidas, porém não queria que sua patroa soubesse, para que esta não se sentisse mal. No trecho em que emprega a forma “a gente”, é possível perceber seu contexto ambíguo, tendo em vista que a expressão poderia, ao mesmo tempo, tanto incluir a neta quanto a ama ([a gente] – pronome) ou, ainda, abarcar todos aqueles do convívio da senhora (“a gente” – coletivo de pessoas). Sabemos que contextos de ambiguidade são importantes para o estudo da mudança, porque denotam a neoanálise (uma nova interpretação) que pode resultar numa nova construção.

Segundo Lopes (2003), foi a partir do século XVI que a palavra “homem” deixou de ser usada como pronome indefinido. Supostamente, houve um impedimento do processo de gramaticalização desse substantivo com o início da pronominalização do substantivo “gente”.

No português arcaico, a forma a gente não era empregada como pronome. É nesse período que se processa a gramaticalização do substantivo homem (om’ne > omen > ome), que tem seu ciclo de fluxo diacrônico interrompido no século XVI, quando deixa de ser empregado como pronome indefinido no português. (LOPES, 2003, p. 67).

Conforme a autora, “a gente”, ao se pronominalizar, passou a preencher a lacuna deixada pelo ‘homem’ indefinido. Esta lacuna “ficou à espera de uma nova forma” (LOPES, 2003, p. 146). Assim, a autora acredita que a dita lacuna fora preenchida pela forma “a gente” quando esta se pronominalizou. Consoante a isso, conclui que, já no século XVIII, se percebe o início da gramaticalização⁶ de [a gente].

Acrescenta ainda que, ao se pronominalizar, “gente”, que era substantivo no português arcaico, passou a perder a subespecificação de número, isto é, o traço de número formal, que é uma das principais características de um nome. Enquanto no século XIII havia muitas ocorrências com um alto traço de número, nos séculos seguintes, até o XVI, vem ocorrendo uma queda significativa. “A partir desse período, o uso com o traço [-pl] se torna mais e mais frequente. Com isso, Lopes (2003, p. 68) explica que a lacuna

⁶ Neste estudo, entende-se que, no século XVIII, se percebe o início da “construcionalização” de **a gente**.

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

de homem “pronomine” no sistema da língua favoreceu a emergência do uso de (a) gente como pronomine e que “o avanço da mudança do traço de número de gente (de [αpl] → [φpl]) pode também ter sido o fator que bloqueou o avanço da mudança envolvendo o vocábulo homem”.

Seguido a isso, analisando dados do século XIX, verifica-se que, de um total de 17 dados com “a gente”, 10 já figuravam como [a gente] construcionalizado. Nesses 10 contextos, há evidências de que não se tratavam de contextos críticos ou ambíguos, mas de uma forma pronominal efetivamente construcionalizada. Observemos o exemplo seguinte:

- (4) “Pois Manduca não ha de ir p’ras guerras em quanto esses não irem! he de ficar como flêra dentro de casa! Esses diabos desses estrangeiros querem terra: nós temos tanta, porque não ha de se dar já um pedaço p’ra elles socegarem e **a gente** descansar?” (*Carta de leitor*, n. 474, 1865).

Observando os dados de [(X) gente (Y)] entre os séculos XVI e XIX, identificamos uma redução do número de dados ao longo do tempo. A hipótese da redução do uso de “a gente” (determinante + substantivo), “aquela gente”, “essa gente”, dentre outros com sentido de coletivo de pessoas, é comprovada no presente estudo. Contudo, ainda não é possível afirmar de forma definitiva que o uso da nova forma construcionalizada [a gente] foi aumentando a partir do século XVIII, devido ao reduzido número de dados da construção pronominal nas amostras analisadas.

Diferentemente dos resultados dos séculos anteriores, observamos que, no século XIX, há maior quantidade de dados com a construção [(X) povo (Y)] do que com [(X) gente (Y)], reforçando a hipótese de que, enquanto “a gente” (SN) passou a ter menor frequência de uso, em detrimento de [a gente] (pronomine), outras construções coletivas de pessoas, por exemplo, “o povo”, “os povos”, tenderam a ser mais frequentes. Mesmo a amostra dos séculos XVI e XVII tendo sido maior do que nos outros séculos, [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)] tiveram uma frequência menor. No século XIX, de um total de 102 dados [(X) povo (Y)], 52,9% são “o povo”, 10,8% “os povos” e 8,7% “um povo”, dentre outros com percentual extremamente reduzido. Em contrapartida, encontramos 75 dados com o padrão [(X) gente (Y)], sendo 24% “Ø gente”, 22,7% “a gente” e 22,7% “muita gente”. Quanto ao [(X) mundo (Y)], foram encontrados poucos dados se comparados às outras construções; de um total de 14 dados, 42,8% são “todo mundo”, 35,8% “o mundo” e 21,4% “todo o mundo”.

Consoante ao exposto em relação ao século anterior, é possível observar no século XIX a consolidação das escolhas de uso cristalizadas pelo processo de construcionalização iniciado após o século XVII, quando o repertório de determinantes (X) foi reduzindo e

algumas construções foram se firmando como exclusivas de um ou outro determinante. Reafirma-se, aqui, a escolha de uso de “os povos” em detrimento de “as gentes” ou “os mundos”, tal qual o uso “muita gente”, exclusivo para o determinante “muita/muito”.

Já para o século XX, observamos que, dos 24 dados com a construção [(X) gente (Y)], 75,1% são de “a gente”, sendo que, nesta sincronia, todos aparecem na forma construcionalizada, não havendo nenhum dado com “a gente” na forma nominal (artigo + substantivo). Não apenas encontramos poucos dados de [(X) gente (Y)], mas também das formas [(X) povo (Y)] e [(X) mundo (Y)], bem como um repertório extremamente reduzido das possibilidades de uso da construção, variando somente entre os 5 determinantes “a/o”, “muita/muito”, “toda a/todo o”, “toda/todo” e “Ø”. De um total de 24 dados [(X) gente (Y)], 75% são de “a gente” (pronomes) construcionalizada, 8,3% de “muita gente”, 8,3% “toda a gente” e 8,3% “Ø gente”. Somente encontramos 2 dados com o padrão [(X) povo (Y)] e 2 com [(X) mundo (Y)]. Constatamos, com isso, que, com a construcionalização da forma “a gente”, esta passou a ser usada com frequência.

Cabe ressaltar a expressiva redução no quantitativo de dados da forma “a gente” nesse século em relação a períodos anteriores, devido à diminuição dos usos de “a gente” como sintagma nominal pleno. Mesmo a frequência de uso da forma construcionalizada é baixa, por ser muito informal para ser usada em textos escritos, sobretudo na carta. Este gênero sofreu uma expressiva redução de uso no referido século, tendo em vista as revoluções tecnológicas na área da informação e comunicação, levando as pessoas a adotarem outros meios mais práticos para comunicação informal, relegando a carta a um lugar, ao mesmo tempo, de destaque e desprezo, pois passa a ser usada somente em situações de extrema formalidade ou nas raras ocasiões em que o acesso a outros meios era restrito.

A fim de ilustrar esta redução, observa-se uma compilação de quatro *corpora* do PHPB (Acervo Land-Avelar, Jaime-Maria, Oswaldo Cruz e Família Pedreira Ferraz Magalhaes), dentro da qual, entre as 53.512 palavras que a compõem, [a gente]” pronomes ocorre somente 7 vezes. Segue abaixo um exemplo de “a gente” construcionalizada no *corpus* PHPB “Jaime-Maria”:

- (5) “Meu amado noivinho Jayme [...] eu no dia 25 recebi 2 cartas tuas a do dia 23 e do dia 24 eu fiquei muito contente de ter notícias tuas eu esta semana recebi 5 cartas tuas a minha irman chegou a dizer que era melho **a gente** se casar que eu parecia uma bobinha por voçe [...]” (*Acervo Jaime-Maria*, PHPB, doc 03, ano 1936).

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

No exemplo acima, a forma “a gente” demonstra que houve construcionalização, visto que não há outra possibilidade de interpretação que não com sentido pronominal. Nesse caso, “a gente” inclui Maria, que foi quem escreveu a carta, e seu noivo Jayme, tendo, portanto, caráter dêitico.

A análise dos contextos críticos, neste trabalho, nos possibilita traçar os passos de mudança da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)] no português e observar os contextos críticos. Ao longo dos séculos, a frequência de uso de “a gente” (artigo + substantivo) permitiu que a forma fosse interpretada pelo ouvinte/leitor de maneira diferente da que foi falada/escrita pelo falante. Assim sendo, “a gente” nominal, que é artigo + substantivo, passou a ser visto como um *chunk*, como uma única unidade cognitiva.

Entendemos que “a gente” pode ter sido escolhida em detrimento de “muita gente”, “aquela gente”, dentre outras, devido a uma forte integração entre o artigo “a” e o substantivo “gente”, que consistem em apenas um vocábulo fonológico, diferente das outras como “muita gente”, “toda gente”.

Destacamos ainda que, nos séculos XVI e XVII, a forma “a gente” (artigo + substantivo) tinha sentido composicional, porém, no século XVIII, início do processo de construcionalização, houve uma tendência de a construção perder a composicionalidade devido à frequência de uso. A estrutura, então, passou a ser acessada automaticamente de modo que o usuário não percebia mais cada elemento que compunha a construção como significando o sentido de pessoas.

Ressaltamos que, ao longo dos séculos, o subesquema [(X) gente (Y)] foi se tornando menos esquemático, visto que, em XVI e XVII, havia uma diversidade de elementos que poderiam preencher o *slot* X da construção, como: **essa** gente, **quase toda a** gente etc. No entanto, a partir do século XVIII, início da construcionalização de “a gente”, houve diminuição de determinantes que poderiam acompanhar “gente”. Ao construcionalizar, a microconstrução [a gente] se torna menos esquemática, uma vez que há restrição da entrada de outros determinantes no *slot* e preferência pelo artigo “a”.

Esquematicidade: análise do *slot* (Y) na construção [(X) N_{COLET SG} (Y)]

Cabe-nos aqui analisar o *slot* (Y), ocupado pelos modificadores do núcleo nominal nos subesquemas [(X) gente (Y)], [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)] do século XVI ao XX, a fim de sabermos que elementos poderiam modificar os substantivos “gente”, “povo” e “mundo” e se poderiam ter propiciado a construcionalização de “a gente”.

Nossa hipótese é a de que os adjetivos, pronomes e sintagmas preposicionais modificam o núcleo do sintagma nominal quando a forma “gente” é ainda composicional, mas, ao construcionalizar, passa a não aceitar elementos na posição de modificador de núcleo nominal. Isso mostra um dos micropassos da mudança que levou à construcionalização da construção pronominal [a gente].

Seguem abaixo exemplos de modificadores de núcleo do sintagma nominal encontrados, a saber: adjetivos, intensificadores + adjetivos, sintagmas preposicionais e pronomes:

- (6) “Sem duvida não terá a pretensão de que **o mundo inteiro** se inclina diante d’esta sua opinião e si ha quem o acompanhe ha também os que pensam como nós.”. (Século XIX).
- (7) “Com esta preparação ficou **a gente tão modificada** para a Paixão, que não foi necessário preâmbulos para tirar devoção [...]”. (Século XVI).
- (8) “Formaram uma proposta [...] em nome da nobreza, religiosos e **povo de todo o Estado.**” (Século XVII).
- (9) “E estando nós bem fora de cuidarmos que veriamos **gente nossa de Portugal**, soubemos como dous dos nossos vinham nella.” (Século XVI).

Para esta seção, coletamos e analisamos os dados, atentando para os modificadores nominais que viriam pospostos aos substantivos “gente”, “povo” e “mundo”. A tabela abaixo demonstra os resultados encontrados, no século XVI:

Tabela 3. Análise do *slot* Y da construção [(X) N_{COLET SG} (Y)] – Século XVI

Y	GENTE		MUNDO		POVO		TOTAL	
Adjetivo	20	7,7%	-	-	7	14%	27	
Intensificador+ Adjetivo	19	7,3%	-	-	2	4%	21	
Pronome possessivo	3	1,2%	-	-	-	-	3	
Sintagma Preposicional	58	22,4%	-	-	7	14%	65	
∅	159	61,4%	14	100%	34	68%	207	
TOTAL	259	100%	14	100%	50	100%	323	100%

Fonte: Soares (2018)

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Encontramos, de um total de 259 dados com [(X) gente (Y)], 159 (61,4%) do tipo Ø em posição posposta a “gente” e 100 dados com modificadores do núcleo nominal “gente”, sendo 22,4% sintagmas preposicionais (a gente **do Pará**) e 7,7% adjetivos (O Vigário Geral e a outra gente **nobre**). Encontramos, também, dados em que havia um intensificador precedendo o adjetivo modificador (a gente **mui diferente**, a gente **tão má**), figurando em 7,3%, bem como um pronome (gente **nossa** de Portugal), representando 1,2%. Os resultados demonstram que, no século XVI, o padrão [(X) gente (Y)] já era mais frequente sem elemento na posição (Y).

Ao compararmos com [(X) povo (Y)], verificamos que, dos 50 dados encontrados, 34 (68%) eram do tipo Ø e apenas 16 continham modificador do núcleo “povo”. Foram encontrados 14% de sintagmas preposicionais, 14% de adjetivos e apenas 4% com intensificador + modificador. Não houve casos em que o pronome era um modificador. Em contrapartida, observamos que nenhum elemento ocupou a posição de modificador em [(X) mundo (Y)], pois, de um total de 14 dados, não houve modificadores de núcleo nominal que precedesse “mundo”.

Assim, constatamos, no século XVI, que o padrão [(X) gente (Y)] já tinha maior ocorrência de dados sem o preenchimento de modificadores, o que justifica, posteriormente, a formação da construção pronominal [a gente].

Os dados do século XVII⁷ revelam, também, que o padrão [(X) gente (Y)] apresentou maior número de dados do tipo Ø. Houve, ainda, maior número de elementos modificadores do núcleo nominal com a construção [(X) gente (Y)] em detrimento de [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)]. São eles: adjetivo, intensificador + modificador e sintagma preposicional. Identificamos que, dos 94 dados da construção [(X) gente (Y)], 63 (67%) eram do tipo Ø e apenas 31 dados continham modificadores do núcleo “gente”. Destes, 19,2% eram sintagmas preposicionais (a gente **de guerra**), 10,6% eram adjetivo (gente **feroz** e **bárbara**) e 3,2% tinham um intensificador mais o modificador do núcleo (a gente **mais nobre**).

Constatamos, mais uma vez, que o padrão [(X) gente (Y)] permitia um maior uso de modificadores do substantivo do que [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)]. Ademais, o tipo Ø se mostrou novamente mais frequente nos padrões com “gente”, “mundo” e “povo”. A inexistência de modificador do núcleo nominal pode explicar a ausência de um elemento posposto à “a gente” na construção pronominal.

⁷ Também fizemos para cada século análise dos elementos que poderiam aparecer em Y, como fizemos para o século XVI. Apenas não apresentaremos as tabelas por causa do espaço limitado, mas no texto há os resultados mais relevantes.

No que concerne ao século XVIII, período em que se começa a observar contextos críticos que podem ter levado à construcionalização de “a gente”, verificamos que houve uma redução do número de modificadores de núcleo nominal que pudessem seguir a construção [(X) gente (Y)]. Isso comprova a hipótese de que, ao construcionalizar, a forma “gente” passou a não aceitar elementos modificadores do núcleo, como adjetivos e sintagmas preposicionais. De um total de 52 dados com o padrão [(X) gente (Y)], 40 (76,9%) não eram acompanhados por modificadores de núcleo nominal; apenas 12 apresentaram tais modificadores. Destes, 8 (15,4%) eram sintagmas preposicionais e 4 (7,7%) adjetivos. Não encontramos, no referido século, nenhuma ocorrência de pronomes e intensificadores + adjetivos. Houve, neste caso, um baixo número de modificadores com “gente”.

Com relação ao padrão [(X) povo (Y)], dos 43 dados analisados, 30 (69,8%) não apresentaram modificadores e somente 13 continham modificadores do núcleo “povo”. Encontramos 18,6% do total de dados com sintagmas preposicionais e 11,6% com adjetivos. Já em [(X) mundo (Y)], de 8 dados, 6 (75%) tinham eram tipo Ø e apenas 2 eram modificadores do núcleo “mundo”, sendo 1 adjetivo e 1 intensificador + modificador.

Ao compararmos os resultados do padrão [(X) gente (Y)] deste século com os anteriores, verificamos que, com o tempo, houve um aumento do número de dados do tipo Ø. No século XVI, a referida construção figurava em 61,4% do total de dados observados, no XVII, 67% e, no XVIII, em que começa a haver dados com indícios do início da construcionalização de [a gente] pronome, foi verificado que os dados do tipo Ø representavam 76,9% do total. Esses números podem explicar a ausência de modificadores de núcleo nominal na construção pronominal “a gente” quando esta construcionalizou.

No século XIX, em que começa a haver menos ocorrências de “a gente” (apenas 10 construcionalizadas e 7 nominais), vimos que, de 75 dados de [(X) gente (Y)], 51 (68%) eram do tipo Ø e somente 24 apresentavam modificadores do núcleo. No padrão [(X) gente (Y)], dos 24 dados com modificadores do núcleo no segundo *slot*, somente 22,7% eram modificados por adjetivos e 9,3% por sintagmas preposicionais.

Em [(X) povo (Y)], por sua vez, dos 102 dados encontrados, 71,6% eram do tipo Ø, enquanto 14,7% tinham o adjetivo como modificador, 12,7% tinham sintagmas preposicionais e 1% intensificador + adjetivo modificador. Já em [(X) mundo (Y)], dos 14 dados encontrados, 71,4% eram do tipo Ø e 28,6% tinham adjetivos como modificadores do núcleo.

Por fim, com relação ao século XX, analisamos os dados em que [a gente] já está efetivamente construcionalizado, não havendo mais possibilidade de uso de Y. Foram

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

apenas 2 dados com “mundo” e 2 com “povo”. Embora tenha havido um número pequeno de dados, dois dados de cada, sabemos que não há restrição de uso da forma [(X) mundo (Y)] e [(X) povo (Y)]. A partir do momento em que começa a haver indícios de uma construcionalização, no século XVIII, há uma tendência de a construção não aceitar modificadores do núcleo nominal. A forma “a gente” construcionalizada não permite ter modificador, ou seja, o *slot* Y deixa de existir. Vejamos a seguir alguns exemplos:

- (10) “Pois Manduca não ha de ir p’ras guerras em quanto esses não irem! he de ficar como flêra dentro de casa! Esses diabos desses estrangeiros querem terra: nós temos tanta, porque não ha de se dar já um pedaço p’ra elles socegarem e **a gente** descançar?” (Carta de leitor, n. 474, 1865).
- (11) “Meu querido noivinho [...] Eu chegei bem em casa, manda me dizer se os teus pais falarão alguma cousa com voce, o teu irmão esteve com a Aninha na sexta feira esteve perguntando muitas couzas elle disse que não acreditava que **ajente** tinha acabado, elle disse que sim que **ajente** tinha acabado e que eu estava em petropolis e que não sabia quando eu vinha [...]” (Acervo Jaime-Maria, ano 1937).

Para Traugott e Trousdale (2013), quando ocorre a construcionalização, há aumento de esquematicidade, mas, certamente, eles se referem à formação de um esquema. Na formação de uma construção substantiva (ou seja, menos esquemática) ocorre diminuição da esquematicidade. Nos séculos XVI ao XVII, em que a construção tinha sentido de coletivo de pessoas, muitos elementos (“muita” gente, “aquela” gente) podiam ocupar o *slot* (X) da construção. No entanto, a partir do século XVIII, em que começou a haver ambiguidade e contextos críticos, levando ao início da construcionalização de “a gente”, poucos elementos ocupavam o *slot*. No século XX, era ocupado somente pelo artigo “a”.

No que tange ao preenchimento da construção [(X) gente (Y)] por um modificador de núcleo nominal, no *slot* (Y), observamos que, do século XVIII, em que se inicia a construcionalização, até o século XX, houve também restrição da entrada de elementos modificadores. Quando há efetiva construcionalização, no século XX, nenhum modificador seguiu o núcleo nominal.

Assim sendo, vimos que, antes da construcionalização, o padrão [(X) gente (Y)], com sentido de coletivo de pessoas, possibilitava que mais elementos ocupassem o *slot* (X) e acompanhassem a construção com algum modificador nominal no *slot* (Y). Todavia, com a construcionalização de [a gente], isto é, na formação da construção pronominal, não houve aumento de esquematicidade. A construção, portanto, era substantiva.

Informatividade

A informatividade está relacionada ao que os interlocutores compartilham no contexto interacional. Sob a ótica cognitivista, o usuário da língua se comunica para informar ao outro sobre determinado assunto que lhe é pertinente. Ademais, a informatividade é apresentada na Linguística Funcionalista como um fator semântico-pragmático, em que o grau de conhecimento partilhado desempenha um importante papel no discurso.

Segundo Prince (1981, p. 285), os referentes ou entidades do discurso são classificados a partir da ideia de conhecimento compartilhado, segundo a qual o falante entende que o ouvinte sabe, admite e infere algo, mesmo sem estar pensando no assunto na situação de comunicação. Nesse sentido, buscamos analisar a estrutura informacional em que as formas “a gente”, “o povo” e “o mundo” estão inseridas, atentando para o *status* informacional (se a construção apresentava referente novo, velho ou inferível), com base na classificação de Chafe (1976) e Prince (1981)⁸. Para este fator, analisamos apenas os dados dos séculos XVI e XVII, em que as formas “a gente”, “o povo” e “o mundo” eram nominais, isto é, tinham sentido coletivo de pessoas, pois o nosso objetivo era averiguar quais eram os referentes (velho, novo, inferível) dessas formas e explicar o porquê de ter sido “a gente” nominal a herdar o traço de pronome pessoal.

A hipótese é a de que “a gente” teria uma frequência maior como referente velho ou inferível do que as outras formas (“o povo” e “o mundo”). Sabe-se que os pronomes, especialmente os pessoais, são palavras que fazem “referência no uso, ora retomando determinadas passagens do mesmo texto, ora apontando para elementos ou traços específicos da situação de fala” (cf. MOURA NEVES, 2011). Dessa forma, “a gente” pronominal pode ter herdado esse traço de retomada dos pronomes. Além disso, muitos usos de “gente” ocorriam seguidas de sintagma preposicional de lugar e todo o SN (gente + SPREP) apontavam para pessoas de um dado lugar (como nos exemplos 1, 9 e 12), o que pode ter relacionado gente com uma função dêitica. Mais tarde, a forma também faz um *link* com o papel dêitico dos pronomes pessoais, quando há a relação de gente com a primeira pessoa do discurso.

Vejamos o exemplo a seguir, do século XVI, em que “a gente” nominal era um referente velho, visto que já foi situacionalmente mencionado:

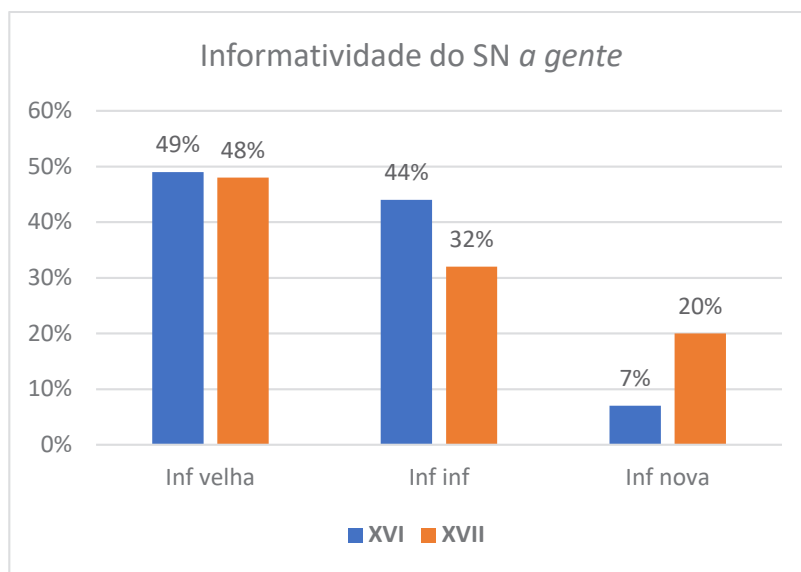
8 Não houve, no *corpus*, dados com o que Prince denomina referentes novos-em-folha (completamente novos), tampouco com referentes disponíveis (referentes únicos como “o sol”, “a lua”, “Pelé”), pois, como estamos lidando com os coletivos de pessoas (“gente”, “povo”, “mundo”), havia sempre menção de quem era “a gente”, “o povo” ou “o mundo” na situação comunicativa. Além disso, o sentido coletivo desses substantivos já impediria a ideia de referente único.

- (12) “[...] pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sobre o teatro e começou a lançar umas gotas de água muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silêncio e todos se recolheram quietamente a suas casas e então descarregou com grandíssima tormenta de vento e chuva, e **a gente** movida com muita devoção ganhou o Jubileu, que era o principal intento da obra.” (*Cartas, informações, fragmentos e sermões*, séc. XVI, ano 1554).

No excerto acima, observamos que o SN “a gente”, que ganhou o Jubileu, se refere a “todos” que “se recolheram quietamente a suas casas”, conforme mencionado no discurso anterior. Portanto, é um referente velho ou evocado.

A seguir, apresentamos um gráfico referente à informatividade de “a gente”, dos séculos XVI e XVII, quando a forma era apenas nominal, isto é, sem ambiguidade com a forma pronominal:

Gráfico 1. Informatividade da forma nominal “a gente”



Fonte: Elaboração própria

Este gráfico nos mostra que o sintagma nominal “a gente” tendia a ser usado nos dois séculos como sendo uma informação velha, ou seja, já mencionada no discurso, o que pode apontar para o caráter pronominal que teria nos séculos posteriores. A quantidade de dados com SN “a gente” inferível também é grande nos dois séculos. E essa inferência é feita a partir do que foi expresso no discurso antecedente. Nota-se que há um número menor de dados com informação nova.

Na análise dos dados do século XVII, foi possível observar também maior frequência de informação velha – 12 (48%) dados. Em contrapartida, encontramos 8 (32%) de informação inferível e 5 (20%) de nova. Assim, a forma pronominal “a gente” herdou o traço dos pronomes no que concerne à retomada do referente mencionado no discurso e também o caráter de informação velha dos dêiticos. Nos séculos XVI e XVII, já temos maior frequência dessa forma retomando o referente anterior.

Vejam os exemplos de informação velha, inferível e nova, respectivamente:

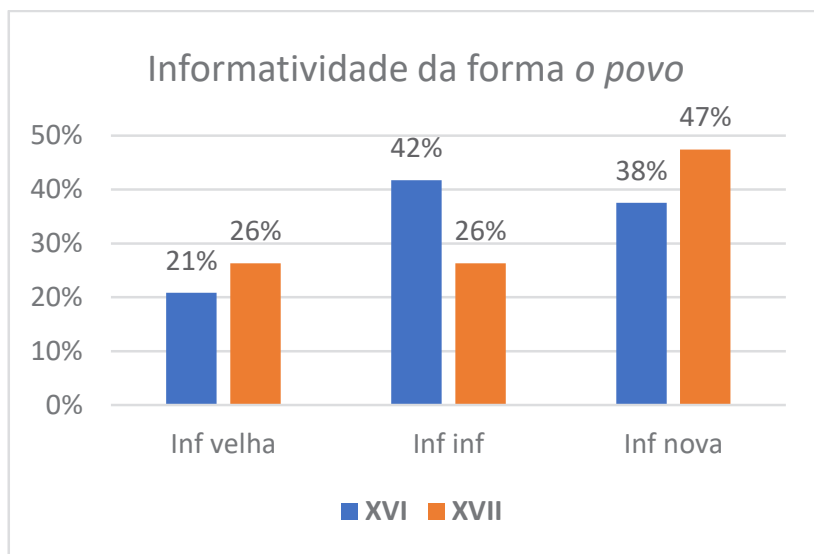
- (13) “[...] porque além das cento e vinte mil almas que há nestas ilhas, a costa, que lhe corresponde em Guiné e pertence a êste mesmo bispado, e só dista daqui jornada de quatro ou cinco dias, é de mais de quatrocentas léguas de comprido, nas quais se conta a gente não por milhares senão por milhões de gentios. Os que ali vivem ainda ficam aquém da verdade, por mais que pareça encarecimento: porque a gente é sem número, toda da mesma índole [...]” (Cartas do Pe. Antonio Vieira, séc. XVII, ano 1652).
- (14) “O certo é, senhor, que como as coisas de França se entendem diferentemente em Portugal, assim das de Portugal não pode haver cabais notícias em França, e ainda no mesmo Portugal receio que as ache V.Ex.a com dificuldade, porque a gente daquele país, que V.Ex.a. muito bem conhece, poucas vezes julga das coisas com os olhos livres de paixão.” (Cartas do Pe. Antonio Vieira, séc. XVII, ano 1646).
- (15) “Vendo este desamparo o senhor Bispo, veio-se ao nosso colégio, deu conta do que passava e, ainda que dois padres dos nossos lhe lembraram que ninguém esperaria, se tivessem notícia da saída de S. Senhora, contudo, ouvindo a outros dois padres, e a muitas pessoas de fora, que a cidade estava já entrada dos inimigos, e vendo que só não podia já defendê-la, se saiu. Consumidas pois algumas fórmulas do Santíssimo Sacramento [...] e tendo já tirada a mais da prata, e os ornamentos postos em cobro [...] seguiram ao prelado os nossos, que estavam em casa, e os que se recolhiam do forte e mais estâncias, aonde até então assistiram a pé quedo, animando e confessando a gente.” (Cartas do Pe. Antonio Vieira, séc. XVII, ano 1626).

No excerto (13), do século XVII, “a gente”, em “a gente é sem número”, é informação velha, uma vez que este referente já foi mencionado no discurso prévio, em “nas quais se conta a gente não por milhares senão por milhões de gentios”. Já no exemplo (14), o referente “a gente”, em “a gente daquele país”, é inferível, pois o enunciador menciona que seu interlocutor terá dificuldades em Portugal e, posteriormente, afirma que é sabido

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

por ele (interlocutor) como são os julgamentos das pessoas de lá. Infere-se, portanto, que “a gente daquele país” são as pessoas de Portugal e não de outro lugar e, ainda, que, em Portugal, há pessoas (gente), logo “a gente” não seria um referente novo. No entanto, em (15), “a gente” é uma informação nova, visto que o referente dito a todo tempo no discurso é “os padres”. Analisamos também “o povo” e “o mundo”, nos séculos XVI e XVII. Observemos o gráfico a seguir:

Gráfico 2. Informatividade da forma nominal “o povo”



Fonte: Elaboração própria

Em se tratando de “o povo”, no século XVI, há predominância de dados inferíveis e velhos. Já no século XVII, há mais dados de informações novas. Observamos que o sintagma “o povo” tem frequência mais baixa de informação velha, ou seja, a tendência de uso de [o povo] não é a de retomar o que foi dito no contexto antecedente. Portanto, o *link* com a função pronominal parece não ocorrer.

Nos exemplos do século XVI, com “o povo”, obtivemos com maior frequência as informações inferível e nova. Porém, no século subsequente, XVII, predominou apenas a informação nova, ou seja, não recuperável do contexto precedente, como no exemplo a seguir:

- (16) “Compostas nesta forma as jurisdições, não foi dificultoso compor os ânimos dos dois competidores, os quais logo se abraçaram e perdoaram; e o que tinha mandado lançar os grilhões se lançou aos pés do outro, e lhos tirou de joelhos. Logo se foram ambos comigo à junta, onde todos aprovaram o que estava feito, menos **o povo**, em quem os affectos são menos poderosos,

vendo sair dos grilhões ao primeiro vigário.”. (*Cartas do Pe. Antonio Vieira*, séc. XVII, ano 1653).

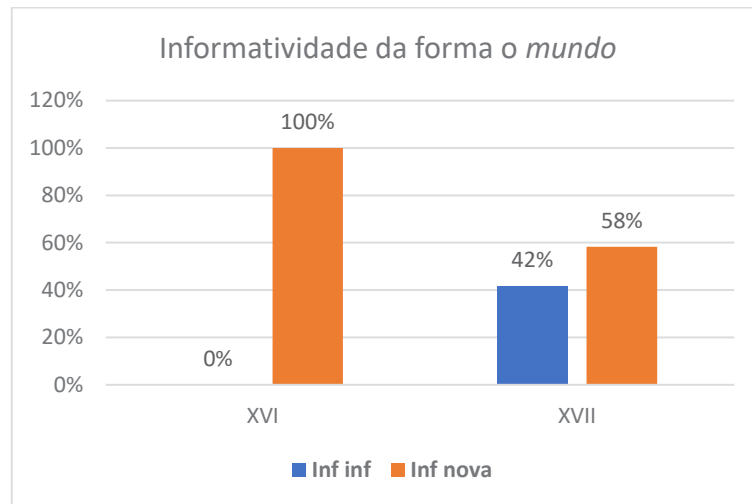
No exemplo do século XVII em destaque acima, “o povo” é uma informação nova, uma vez que não foi mencionado no discurso anterior. O excerto descreve dois competidores que, após terem feito as pazes, foram à junta para receber a aprovação das pessoas. No discurso, foi dito que todos aprovaram, com exceção do “povo”. Percebe-se que “o povo” foi mencionado pela primeira vez em “menos o povo”, sendo, portanto, um referente novo. Notamos que a expressão como informação nova é menor em “a gente” do que em “o mundo” e “o povo”. Dessas construções, apenas “a gente” teve frequência maior expressando informação dada, compartilhando, assim, com os pronomes, a característica de fazer retomada no discurso. Constatamos que “o povo” não seria candidato a assumir a função pronominal em detrimento de “a gente”, porque, além de permitir a entrada de modificadores de núcleo nominal em posição posposta a ele (conforme vimos na seção 3.2.2) aparece frequentemente como referente novo no discurso. Com relação ao referente “o mundo”, observamos que, assim como “o povo”, houve uma tendência a ser uma informação nova no discurso. Observemos os exemplos:

- (17) “Não cria elle taes cousas de homens tão santos e sabia mui bem quão malvados eram os accusadores. Querendo pois que **o mundo** visse a inocência de uns e a malícia dos outros, mandou em primeiro lugar sahir de casa os Religiosos.”. (*Cartas do Brasil*, séc. XVI, ano 15).
- (18) “[...] entregue-lhes o sangue e as vidas, e as liberdades e almas dos índios, e a nós deixe-nos lançar S. M., ou lance-nos fora, que não faltará onde sirvamos a Deus, e onde salvemos almas [...]. Se os padres da Companhia fizeram a mínima parte do que estes têm feito e fazem, que havia de dizer de nós **o mundo**?”. (*Cartas do Pe. Antonio Vieira*, séc. XVII, ano 1656).

Nos exemplos acima, dos séculos XVI e XVII, observamos que “o mundo” é uma informação nova, visto que não é um referente recuperável no discurso. Vejamos o gráfico:

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

Gráfico 3. Informatividade da forma nominal “o mundo”



Fonte: Elaboração própria

A maioria dos dados com “mundo” era informação nova, sendo 100% no século XVI. No século XVII, há um número significativo de informação inferível, mas a predominância de informação nova. Vemos que “todo mundo” não tem papel anafórico, mantendo, portanto, seu caráter apenas nominal, e não pronominal. Observamos que, dentre as outras formas com semântica semelhante, como “o povo” e “o mundo”, “a gente” demonstrou ser mais recorrente como informação velha e inferível, ou seja, foi anteriormente mencionada no discurso ou era de conhecimento compartilhado entre os usuários da língua. Já “o povo” e “o mundo”, muitas vezes, tenderam a ser informação nova. Esse foi um dos motivos pelos quais a forma “a gente” foi adotada para assumir a função pronominal. Além disso, a ambiguidade de uso de “a gente”, podendo ou não o falante/escritor estar incluso, também foi essencial para a interpretação como pronome, como tão bem já demonstraram trabalhos em gramaticalização.

Considerações finais

Neste trabalho, utilizamos o modelo teórico da Construcionalização/Mudanças Construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT, 2015) para explicar o conceito de que construção é um pareamento forma-sentido. Demonstramos, através dos fatores esquematicidade e informatividade, que a construcionalização gramatical de *a gente* é acompanhada por mudanças na forma e na função.

Vimos, numa análise que concebe a gramática como rede de construções emergentes, que uma construção nominal passou por micropassos de mudança que levam à restrição de *slots* (em X a forma “a” se tornou obrigatória e Y desapareceu) e tem papel mais acentuado de retomada no discurso e inclusão da primeira pessoa de fala. Com isso, um nó da construção passa a outro nó na rede, o nó de pronomes pessoais.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelo financiamento dessa pesquisa, através da Bolsa de doutorado da Profa. Bruna das Graças Soares e da Bolsa de Produtividade em Pesquisa da Profa. Maria Maura Cezario.

Referências

ANCHIETA, J. de. **A conversão de São Paulo**. São Paulo: Oficinas Salesianas, 1895 [1568].

ANCHIETA, J. de. **Cartas**: informações, fragmentos históricos, sermões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931 [1554-1594].

ANCHIETA, J. de. **Cartas inéditas**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1900 [1534-1597].

BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage based models of language**. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. *In*: LI, C. N. (ed.). **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.

CROFT, W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- | Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]

DIESSEL, H. **The Grammar Network**: How language structure is shaped by language use. Cambridge: University Press, 2019.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. **Urbana**, University of Illinois, v. 7, n. 5, 2003.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. Grammaticalization. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar**. Brill. 2021.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. *In*: GIVÓN, T. (ed.). **Syntax and semantics**, v. 12 Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LOPES, C. R. S. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**: percurso histórico. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, C. R. S. **A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português**. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v. 18.

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de ‘a gente’ em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, jul. 2004.

MOURA NEVES, M. H. M. **Gramática de usos da língua portuguesa**: lições. São Paulo: Contexto, 2011.

PHPB – **Cartas oficiais, cartas de comércio, cartas particulares, cartas de denúncia.** 1701-1800. Século XVIII.

PHPB – **Cartas particulares, cartas oficiais, cartas pessoais.** 1801-1900. Século XIX.

PHPB – **Cartas particulares.** Edição/revisão: SILVA, P. F.; LOPES, C. Rio de Janeiro. 1907-1917. Século XX.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. *In*: COLE, P. (ed.). **Radical Pragmatics.** New York: Academic Press, 1981.

SOARES, B. das G. **Mudança na rede construcional do sintagma nominal para pronome:** a construcionalização de “a gente”. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SOARES, B. das G.; CEZARIO, M. M. A construcionalização de *a gente*. *In*: DIAS, N. B. **Estudos sobre o português em uso.** Uberlândia: Pangeia, 2020.

TRAUGOTT, E. **Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization.** Draft for a volume on historical construction grammar. Elena Smirnova Jóhanna Bardal, Spike Gildea e Lotte Sommerer. (ed.). 2015.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, A. **Cartas do Padre António Vieira coordenadas e anotadas por J. Lúcio d’Azevedo (Tomo 1).** Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

VIEIRA, A. **Sermões do Padre António Vieira** [1679-1690]. Lisboa, Portugal: Oficina de Miguel Deslandes, 1692.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SOARES, Bruna das Graças; CEZARIO, Maria Maura. Gente como a gente: uma análise baseada no uso da formação da construção [a gente]. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 176-202, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 17/11/2022.